



GT 7- Educação, memória e história.

MULHERES QUILOMBOLAS NA PESCA: (RE) EXISTÊNCIAS NO MANEJO E EXTRAÇÃO DE OSTRAS EM BARRINHAS – RJ.

Marcia Moreira de Araújo¹
Leandro Garcia Pinho²

RESUMO

Esse texto resultante de uma pesquisa de Pós-doutoramento e traduz a complexidade das ações que foram realizadas – numa perspectiva do estudo do gênero e deste nas relações de poder, e a especificidade das mulheres quilombolas em seus processos de empoderamento na localidade. Por esse viés, o Projeto Mulheres na Pesca- UENF- RJ, do Programa de políticas públicas, subsidia os dados dessa pesquisa, através da imersão dos pesquisadores e a equipe de produção midiática no quilombo de Barrinhas- São Francisco de Itabapoana- RJ, objetivando identificar os conflitos vividos por essas mulheres pescadoras ao longo do litoral norte fluminense e águas interiores. Narrando as invisibilizações das comunidades tradicionais, o texto aborda a potência das vidas dessas mulheres na composição de vida em seus saberes. Por esse viés, a pesquisa objetivou provocar encontros com diálogos pertinentes e potentes, rotinas do extrativismo, manejo e revenda das ostras e o cotidiano dessas mulheres, criados como “linha de frente” para atenuar incertezas e outros processos, de modo a explicar os híbridos processos culturais e as mutações sociais. A produção de dados com a pesquisa narrativa e etnoecologia , apresenta as peculiares “falas impressas e marcadas pelo tempo da pesquisa”, junto ao desenho inicial da comunidade quilombola de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana-RJ.

Palavras- chave: Mulheres quilombolas, relações de gênero, políticas públicas.

¹ Autora da Pesquisa- Pós doutoranda no Programa de Ciências Políticas – CCH – UENF – RJ. Pesquisa vinculada ao Projeto Mulheres na Pesca.

² Co- autor . Supervisor dessa pesquisa de Pós - doutoramento. Professor vinculado ao Programa de Ciências Políticas – CCH – UENF – RJ.



GT 7- Educação, memória e história.

Pesquisamos no decorrer de uma história triste do processo colonizador – em grande parte, eurocêntrico e branco – hegemônico nessa lógica excludente. Tal exclusão repete-se após anos de histórias marcadas por vidas fragmentadas e alijadas no processo social. Desta maneira, contaremos parte de nossa inserção na comunidade quilombola de Barrinhas- em São Francisco de Itabapoana- RJ. Por esse viés, o Projeto Mulheres na Pesca subsidia os dados dessa pesquisa, através da imersão dos pesquisadores e a equipe midiática nesse quilombo. Outras regiões do litoral da Baixada Fluminense também investigam, analisam e problematizam as relações das mulheres com a pesca e deste campo profissional visto pelos atores sociais. Ao compor a equipe do Projeto Mulheres na Pesca, a delimitação do campo dessa pesquisa se deu por aproximação a minha residência(ES) ao Quilombo e pela afinidade curricular e cultural com a proposição dessa investigação que , em sua peculiaridade, investiga os fazeres, saberes e poderes das mulheres negras que catam ostras para sua sobrevivência e (re) existem as lógicas neoliberais / capitalísticas, mantendo as tradições culturais de seus ancestrais na extração dessas espécies de ostras por extrativismo na Praia de Manguinhos(região próxima) e revenda nos locais da comunidade.

O texto tem como aporte histórico cultural e ambiental da comunidade quilombola de Barrinhas-RJ em especial, a especificidade do cotidiano das mulheres que catam ostras para a revenda na BR 101- RJ, sujeitas a negligências e outras vulnerabilidades. A pesquisa ainda investigou os cotidianos dessas mulheres *in lócuo* (CERTEAU, 1994). Interessa-nos as invenções, que o autor descreve como “Tática dos praticantes”, bem como a descrição dos homens ordinários em seus fazeres singulares nos âmbitos culturais, ambientais e excepcionalmente sociais.

Com esses aportes metodológicos e os autores que nos acompanham nesta trajetória pela visibilização desses fazeres, às vezes, alijados de outros processos sociais. Essa visibilização configura-se plena ao evidenciar o trabalho dessas mulheres, em especial, as catadoras de ostras do Quilombo de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana , que não são reconhecidas nas políticas públicas enquanto categoria na pesca, o que as



GT 7- Educação, memória e história.

impossibilita de receber auxílios adicionais e reconhecimento previdenciário enquanto políticas públicas. A mulher catadora de ostras como centro da investigação, abriu espaço para amizades e outras informações relevantes para a pesquisa, potencializando-a.

Em relação a intersectorialidade que essa temática envolve, procuramos referenciais que trabalharam em campo , o Quilombo de Barrinha, e a autora Cardoso (2009) traz uma contribuição monográfica pelo Instituto Federal Fluminense sobre a expansão dos mercados europeus no século XV, e que formou a mão-de-obra escrava no Brasil e outras localidades dos territórios explorados. A autora descreve sobre a estrutura colonial Norte fluminense, que se fundamentava na mão-de-obra escrava, no latifúndio e na monocultura de produtos tropicais de exportação, principalmente a cana – de – açúcar e derivados.

Durante nossas inferências na e com a comunidade, apenas 30% das mulheres nos receberam , já que as demais catadoras de ostras estavam fora da comunidade , desenvolvendo outras atividades que as competiam enquanto donas de casa. Durante o diálogo com a líder comunitária, Sr^a Lídia, muitas narrativas foram produzidas. Essas narrativas subsidiarão nossas apresentações em eventos e publicações, tais como “ *Sou Lídia, vou te levar até aonde estão as catadoras de ostras. Por favor, chame elas de catadoras de ostras, não somos marisqueiras*”. O que nos alerta para a honestidade em não se assumirem como marisqueiras, que já possuem o defeso³ garantido , além de outros benefícios e fazer parte da composição da colônia de pesca.

Outras narrativas também trouxeram à tona, uma realidade triste, invisibilizada, que Santos (2000) traduz com “democracia de baixa intensidade”. Que configura-se numa democracia velada, que exclui grupos tradicionais de seus direitos básicos

Aquela que vem com o saco nas costas, não tem garantia de nada. Não temos garantia de nada. Ela é diabética, o marido dela é diabético, tem 64 anos , Não tem como sobreviver e não existe garantia de nada. O marido dela trabalha na enxada, com problema de varizes , ele trabalha se firmando, por que não aguenta ficar em pé, e não tem benefício nenhum. Eu já rodei, fui na prefeitura, na promoção social e não dá nada a eles. (LÍDIA, setembro de 2018).

³ Período que recebem benefícios do governo federal enquanto a espécie capturada se reproduz.



GT 7- Educação, memória e história.

As fichas da comunidade foram elaboradas com informações do conflito vivenciado. O maior deles é o não reconhecimento dessas mulheres enquanto catadoras de ostras. Pois os conflitos socioambientais já enfrentados no passado, com a instalação do Porto Canaã, que mobilizou a comunidade em participação em audiências públicas.

PELAS HISTÓRIAS NARRADAS NO QUILOMBO... ⁴

Subvertendo a lógica de uma pesquisa que tem uma introdução, pesquisamos no decorrer de uma história triste do processo colonizador – em grande parte, eurocêntrico e branco – hegemônico nessa lógica excludente. Tal exclusão repete-se após anos de histórias marcadas por vidas fragmentadas e alijadas no processo social. Desta maneira, descreveremos⁵ sobre nossa inserção na comunidade quilombola de Barrinhas- em São Francisco de Itabapoana- RJ. Por esse viés, o Projeto Mulheres na Pesca subsidia os dados dessa pesquisa, através da imersão dos pesquisadores e a equipe midiática no quilombo nesse quilombo. Outras regiões do litoral da Baixada Fluminense também investigam, analisam e problematizam as relações das mulheres com a pesca e deste campo profissional visto pelos atores sociais. Ao compor a equipe do Projeto Mulheres na Pesca, a delimitação do campo dessa pesquisa se deu por aproximação a minha residência e pela afinidade curricular e cultural com a proposição dessa investigação que , em sua peculiaridade, investiga os fazeres, saberes e poderes das mulheres negras que catam ostras para sua sobrevivência e (re) existem as lógicas neoliberais , mantendo a tradição de seus ancestrais na extração dessas espécies e revenda nos locais da comunidade.

O ritmo de progressão e modernização da sociedade tem invisibilizado comunidades tradicionais, que muito tem a contribuir com suas narrativas de vida e histórias singulares. A evolução e o ritmo “progressivo” tem determinado o caráter omnipresente das políticas públicas, que deixam de lado manifestos planos sociais, sendo estas, motivadoras de inquietações e produções acadêmicas como essa proposta com o Projeto Mulheres da

⁴ Substituindo a lógica de um texto introdutório.

⁵ “*Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados*”. (DELEUZE ; GUATTARRI, 1995, p. 11)



GT 7- Educação, memória e história.

Pesca, iniciando em 2018, como proposição de análise de pós-doutoramento. Os dados produzidos nesse trabalho aconteceram no período de junho de 2018 a julho de 2019.

Por esse viés, a pesquisa objetiva provocar encontros com diálogos pertinentes a pesquisa, rotinas e alternativas outras, criadas como “linha de frente” para atenuar incertezas e outros processos, de modo a explicar os híbridos processos culturais e as mutações sociais, junto a comunidade quilombola de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana-RJ.

Na produção de dados, a pesquisa tem como embasamento metodológico , a pesquisa narrativa, diálogos e conversações . Com o intuito de fazer um reconhecimento da cultura do local, outras metodologias foram utilizadas como a etnoecologia (DIEGUES,2000). Fazendo um apanhado histórico cultural e ambiental da comunidade quilombola de Barrinhas-RJ em especial, a especificidade do cotidiano das mulheres que catam ostras para a revenda na BR 101- RJ, sujeitas a negligências e outras vulnerabilidades. A pesquisa ainda investigou os cotidianos dessas mulheres *in lócuo* (CERTEAU, 1994) . Interessa-nos as invenções, que o autor descreve como “*Tática dos praticantes*”, bem como a descrição dos homens ordinários em seus fazeres singulares nos âmbitos culturais, ambientais e excepcionalmente sociais. O modo de extração e as formas de sobrevivência nos fazeres do quilombo , configuram-se como táticas em sua originalidade em relação a outras culturas.

Com esses aportes metodológicos e os autores que nos acompanham nesta trajetória pela visibilização desses fazeres, às vezes, alijados de outros processos sociais. Essa visibilização configura-se plena ao evidenciar o trabalho dessas mulheres, em especial, as catadoras de ostras do Quilombo de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana , que não são reconhecidas nas políticas públicas enquanto categoria na pesca, o que as impossibilita de receber auxílios adicionais do governo. Para o autor Canclini, que teoriza sobre os estudos culturais, consideramos que “*A própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos ao contribuir, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas*”. (CANCLINI,2005, p. 37).



GT 7- Educação, memória e história.

O Quilombo de Barrinha vem sendo objeto de pesquisas há mais de nove anos e, de certa forma, alguns moradores, encontram-se resistentes a ceder entrevistas ou ao mesmo recepcionar. Uma forma de apresentar suas exigências ou súplicas, que ressoam a partir de suas expectativas de melhorias e outros benefícios para esse exercício tradicional de extração de ostras.

Hellebrandt (2017) descreve em sua tese, a experiência de mulheres pescadoras em Santa Catarina e a luta por esse espaço até então, dominado pelos homens. A autora evidencia suas percepções na pesquisa:

O cruzamento com o tema gênero apareceu para mim somente no final do mestrado, quando pesquisava conflitos na pesca artesanal - tema que interseccionava os interesses da gestão costeira com minha formação de cientista social. A partir daquele momento em que me deparei com um conflito de gênero na pesca, comecei a perceber o lapso de estudos sobre mulheres na pesca. Não estou me referindo apenas aos estudos em que mulheres são protagonistas, a maioria dos estudos sequer cita a existência de mulheres no universo da pesca. (p.27)

A autora ainda salienta que problematizar isto é importante, pois muitas vezes os estudos científicos são base para a formulação de políticas públicas. Consequentemente, se não há mulheres no universo pesqueiro retratado pelos estudos científicos de gestão pesqueira, não há políticas públicas com foco nelas. É o caso dessas mulheres do Quilombo de Barrinhas, que não são oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Pesca, nem em outros programas, nesse caso, como catadoras de ostras, que elas enfatizam sobre esse reconhecimento específico.

Assim como a referida autora, essa pesquisa tem dentre suas proposições, contribuir para o campo de estudos de gênero e investir na intersectorialidade como temática transversal, pois adentramos ao universo do Quilombo de Barrinha, que apresenta uma significativa luta para seu reconhecimento enquanto quilombolas remanescentes, ocorrido em 22 de agosto de 2013 com a posse da carta de Palmares, documento legitimador do Quilombo, garantindo assim, sua tradição cultural.

O reconhecimento do Quilombo de Barrinhas teve início com o decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação e demarcação dos territórios ocupados por remanescentes quilombolas. Em



GT 7- Educação, memória e história.

2004, com auxílio da CPT (Comissão Pastoral da Terra), foram organizados as documentações necessárias para esse reconhecimento, mas somente em 22 de agosto de 2013, é que o reconhecimento legal da comunidade quilombola oficializou com a Carta de Palmares. É importante lembrar que alguns desses grupos sociais se negaram ao regime escravocrata e formaram territórios livres e o trabalho comum era um dos símbolos de liberdade, autonomia, resistência e diferenciação das formas contrárias a esses nobres objetivos escolhidos por essa comunidade tradicional.

Em relação a intersectorialidade que essa temática envolve, procuramos referenciais que trabalharam em campo, o Quilombo de Barrinha, e a autora Cardoso (2009) traz uma contribuição monográfica pelo Instituto Federal Fluminense sobre a expansão dos mercados europeus no século XV, e que formou a mão-de-obra escrava no Brasil e outras localidades dos territórios explorados. A autora descreve sobre a estrutura colonial Norte fluminense, que fundamentava-se na mão-de-obra escrava, no latifúndio e na monocultura de produtos tropicais de exportação, principalmente a cana – de – açúcar e derivados. A autora descreve :

Exportando açúcar e seus derivados para o Rio de Janeiro e para outras regiões próximas, os numerosos engenhos da planície norte fluminense, progredindo, vão exigir mais braços, principalmente no início do século XIX, com a instalação da corte real portuguesa no Rio de Janeiro, em que fez aumentar o consumo de açúcar. O aumento dos cativos na planície foi tão expressivo que, em 1808, só no município de Campos, da população de 31.917 habitantes, 17.317 eram escravos e 14.560 eram pessoas livres. (CARDOSO, 2009)

A pesquisa abarca uma multiplicidade de aspectos sociais, históricos, econômicos e de gênero, pois, muito nos interessa descrever o papel social das mulheres catadoras de ostras e as mulheres, que hoje assumem a liderança do Quilombo de Barrinhas e lutam pelo reconhecimento de “catadoras de ostras” nas políticas públicas, em busca de garantias e benefícios. Interessante que não aceitam o reconhecimento de marisqueiras, categoria já inserida nas políticas públicas – o que gerou um encantamento sobre a honestidade dessas mulheres.



GT 7- Educação, memória e história.

Sobre o Projeto Mulheres na Pesca...⁶

O projeto visa, ao longo de vinte e quatro meses, elaborar e disponibilizar uma cartografia dos conflitos socioambientais que vivem no cotidiano as mulheres das comunidades pesqueiras de sete municípios que compõem as mesorregiões das baixadas litorâneas e do norte do Estado do Rio de Janeiro: *São Francisco de Itabapoana*, Campos dos Goytacazes, São João da Barra, Macaé, Quissamã, Cabo Frio e Arraial do Cabo. Este mapa contempla o labor científico e técnico de levantamento, caracterização descritiva, representação cartográfica georreferenciada e disponibilização eletrônica dos dados e informações dos principais conflitos socioambientais que envolvem a participação das mulheres. Além do mapeamento, será realizada uma síntese analítica dos casos identificados na área de estudo. Inicialmente, será elaborada revisão bibliográfica e estado da arte sobre a temática do conflito social e socioambiental, relações de gênero e condição feminina na pesca no Brasil, com a finalidade de atualizar a discussão e alcançar um arcabouço conceitual comum que permita discutir e definir as categorias basilares do estudo. Serão analisados, a seguir, dados secundários, tendo como repositório principal o “Censo Pescarte”, *survey* fruto do mapeamento socioeconômico de indivíduos pertencentes à categoria de pescadores artesanais e seus familiares, realizado entre os anos de 2014 e 2016 nos municípios propostos na presente pesquisa (Timóteo, 2014; 2016). A partir desse repositório serão identificadas, caracterizadas e contextualizadas as condições de vida das mulheres pescadoras e reconhecidos os principais conflitos vinculados à condição feminina. Complementarmente, serão utilizados os Censos Demográficos do IBGE (anos 1991, 2000 e 2010) e outras fontes secundárias. O conjunto dos dados quantitativos tratados indicarão conflitos, os quais serão validados no campo por meio de pesquisa qualitativa em uma segunda etapa do projeto. Por fim, serão selecionados os casos mais representativos de cada município para um aprofundamento em forma de testemunho (audiovisual) para compor a cartografia. Além da construção de um banco de dados temático e a disponibilização eletrônica da representação cartográfica da informação processada, espera-se como produtos: a realização de dois Seminários; a realização e divulgação de uma coletânea de artigos científicos analisando o quadro

⁶ Instituição articuladora da cartografia dos conflitos sociais das mulheres na cadeia produtiva da Pesca. Financiado pela FAPUR e executado pela UENF-RJ- Programa de políticas Sociais.



GT 7- Educação, memória e história.

teórico conceitual, os principais resultados obtidos; e, por último, contribuir com a formação de recursos humanos durante a pesquisa. As atividades do projeto já completaram dois anos e a cartografia já encontra-se no site do projeto.⁷

2. ATIVIDADES REALIZADAS NO PERÍODO DA PESQUISA (O CAMPO)

Após a entrevista e os trâmites do processo de inclusão no curso de pós doutorado, a coordenadora Prof^a Dr^a Silvia Alicia Martínez dialogou em reunião com a equipe sobre a afinidade com a pesquisa de cunho político, ambiental e cultural, no Quilombo de Barrinhas – em São Francisco de Itabapoana- RJ. A pesquisa, intitulada de *Mulheres Quilombolas na pesca: (Re) existências no manejo e extração de ostras em Barrinhas-RJ-* sob a supervisão do Prof^o Dr^o Leandro Garcia Pinho.

A pesquisa em campo já havia sido iniciada pela equipe do Projeto Mulheres na Pesca, que foram recepcionadas pelas catadoras de conchas do Quilombo de Barrinhas-especialmente por sua líder- Sr^a Lidia e sua prima Graça.

Entre os períodos referentes à viagem de campo para a realização de entrevistas semiestruturadas no município de São Francisco de Itabapoana, RJ, houve um cuidado ao acompanhar e previamente agendar as datas para o contato com as mulheres quilombolas. A primeira visita de campo teve como objetivo conhecer a realidade vivida pelas mulheres envolvidas na coleta de ostras do Quilombo de Barrinha. Foi feito, com autorização prévia das entrevistadas, o registro audiovisual dos relatos para captar mais fielmente possível a realidade vivida no território por essas mulheres.

A equipe do projeto realizou workshops para apresentação dos dados produzidos nos campos, socialização entre as pesquisas e pesquisadores, estudos para bases teóricas sólidas e formação de categorias de análise das entrevistas. A proposição seguia a reunião dos estudos de gênero na cadeia produtiva da pesca.

Em Setembro de 2018 foi a primeira visita ao Quilombo de Barrinhas em São Francisco. Fui recebida as 8h da manhã por Lidia, que é presidente da associação comunitária. A

⁷ <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>



GT 7- Educação, memória e história.

mesma direcionou-me para o local onde estava acontecendo a catação de ostras. Fomos de carro até a Praia de Manguinhos, onde estava tendo a catação *in lócuo*.

Encontramos três mulheres catando as ostras e somente uma delas apresentou uma resistência total advinda de outras instituições que tem “usado” constantemente o nome dessa comunidade tradicional e , segundo as próprias narrativas da líder comunitária, são poucos os benefícios apresentados na contrapartida ou na devolutiva por essas produções, sejam artísticas, sejam acadêmicas.

A Sr. Lidia , mencionou que o Quilombo de Barrinhas realiza frequentemente um intercâmbio com o quilombo de Cacimbinha. Nesse Quilombo, localizado no ES, os benefícios são muitos, dentre eles, o vale gás, que é intenso e constante. De acordo com a narrativa da líder quilombola, a comunidade ainda não tem um espaço de reuniões e recepção de pessoas ou instituições. Segue sua narrativa, que vai ao encontro das resistências que a comunidade enfrenta:

Estamos cansados de tantas promessas, principalmente dos políticos. Precisamos de um espaço para reuniões . Antes, fazíamos na igreja católica, agora nem nossos mortos podemos velar mais na igreja católica, pois o padre não concorda.

As demais visitas de campo tiveram como objetivo continuar a descrever a realidade vivida pelas mulheres envolvidas na coleta de ostras do Quilombo de Barrinha. Foram produzidas imagens, com autorização prévia das entrevistadas, o registro audiovisual dos relatos para captar fielmente possível a realidade vivida no território por essas mulheres.

Contactei a líder do Quilombo, Sr^a Lidia, que recebeu a entrevistadora de forma solícita e disponível para dar informações a pesquisa. Nas demais visitas, em outubro, a continuidade a pesquisa aconteceu com o planejamento da festa referente a data da Consciência Negra, onde a equipe do Projeto Mulheres na Pesca, participou com a produção de imagens e vídeos da cultura do Jongô. Foi produzido um vídeo da Festa da cultura quilombola, específica do Quilombo de Barrinha.



GT 7- Educação, memória e história.

Os encontros do mês de fevereiro direcionaram-se ao atendimento da equipe aos Congressos a serem realizados em 2 das comunidades pesqueiras , com apresentação dos resultados da equipe.

3 RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO

A pesquisa trata da visibilidade dada as mulheres do Quilombo de Barrinhas. Pela sociologia das ausências, Boaventura Souza Santos (2000) trata da importância de evidenciarmos saberes culturais, fazeres tradicionais e , nessa pesquisa de pós doutorado, a inclusão das mulheres nesses saberes e fazeres, configurando-se numa relação de poder pelo reconhecimento legítimo de sua categoria de catadoras de ostras nas políticas públicas de nosso país.

Durante nossas inferências na e com a comunidade, apenas 30% das mulheres nos receberam , já que as demais catadoras de ostras estavam fora da comunidade , desenvolvendo outras atividades que as competiam enquanto donas de casa.

Durante o diálogo com a líder comutaria, Sr^a Lídia, muitas narrativas foram produzidas. Essas narrativas subsidiarão nossas apresentações em eventos e publicações, tais como “ *Sou Lídia, vou te levar até aonde estão as catadoras de ostras. Por favor, chame elas de catadoras de ostras, não somos marisqueiras*”. O que nos alerta para a honestidade em não se assumirem como marisqueiras, que já possuem o defeso⁸ garantido , além de outros benefícios e fazer parte da composição da colônia de pesca.

Outras narrativas também trouxeram à tona, uma realidade triste, invisibilizada, que Santos (2000) traduz com “democracia de baixa intensidade”:

Aquela que vem com o saco nas costas, não tem garantia de nada. Não temos garantia de nada. Ela é diabética, o marido dela é diabético, tem 64 anos , Não tem como sobreviver e não existe garantia de nada. O marido dela trabalha na enxada, com problema de varizes , ele trabalha se firmando, por que não aguenta ficar em pé, e não tem benefício nenhum. Eu já rodei, fui na prefeitura, na promoção social e não dá nada a eles. (LÍDIA, setembro de 2018).

⁸ Período que recebem benefícios do governo federal enquanto a espécie capturada se reproduz.



GT 7- Educação, memória e história.

Segundo o autor, a democracia de baixa intensidade configura-se numa democracia velada, que exclui grupos tradicionais de seus direitos básicos. A opressão perdura nessa falácia lógica democrática que não inclui a todos e todas.

As fichas da comunidade foram elaboradas com informações do conflito vivenciado. O maior deles é o não reconhecimento dessas mulheres enquanto catadoras de ostras. Pois os conflitos socioambientais já enfrentados no passado, com a instalação do Porto Canaã, que mobilizou a comunidade em participação em audiências públicas. Nessas audiências, houve a tentativa de os silenciarem, mas a resistência da líder quilombola foi maior, e sua mobilização ocorreu com a proteção do Ministério público da localidade de São Francisco de Itabapoana.

O projeto Mulheres na Pesca atualmente investe na divulgação de vídeos produzidos na festa cultural no dia da Afro descendência, comemorado no final de novembro de 2018. A tradição é garantida pela comunidade que carrega um legado de dor e exclusão. Além de um vídeo que apresenta o conflito vivenciado por essas mulheres, que está em fase de edição para compor o Mapa dos conflitos da página virtual do Projeto Mulheres na Pesca (endereço em nota acima).

A líder quilombola traz em sua narrativa as fortes evidências históricas da formação do quilombo de Barrinhas:

Meu pai e meu tio, fundadores dessa comunidade, foram jogados do navio e conseguiram nadar até a praia de Manguinhos. Essa praia é cheia de crânios que rolam com a maré vazia. Ao chegar na praia, conseguiram correr pra dentro do mato e fundar a nossa comunidade. Aqui temos herança de nossos ancestrais. Somos 99 famílias que repassam seus terrenos de “pais para filhos”. Ainda temos nossas lutas, que são muitas. Já conquistamos algumas coisas, e a principal , foi o reconhecimento da nossa comunidade. (LIDIA, Set. 2018).

Um legado de lutas e trajetórias históricas excludentes. Socialmente, o Quilombo de Barrinhas traz uma visibilidade no cenário local e nacional, mas as mulheres ainda lutam por seu espaço de reconhecimento nas políticas públicas. Segundo Santos (2010), a sociologia das ausências emerge com apelos políticos de visibilidade e reconhecimento das comunidades tradicionais. No século XXI, ainda temos que lutar por conquistas e



GT 7- Educação, memória e história.

buscar a legitimidade do outro, principalmente sobre o negro na história e construção do país.

Essas narrativas traduzem a importância da história e da (re) existência desses povos diante de uma imposição do neoliberalismo. Pensar por outras lógicas, mais éticas, mais estéticas, com maior sensibilidade e altruísmo, no e pelo encontro de sociedades igualitárias em direito e permanência de seus espaços culturais e históricos.

Sem a pretensão de concluir uma pesquisa, os encontros e proposições junto aos demais pesquisadores e professores que supervisionam o Projeto Mulheres na Pesca, que insere essa pesquisa sobre as mulheres quilombolas em Barrinhas – RJ, podem trazer a tona novas inferências que acataremos na produção final da cartografia das mulheres da cadeia produtiva da Pesca – RJ. Já mencionamos aqui que somos parte de um macro projeto, mas que trazemos a peculiar tradição histórica e cultural, no entrelaçamento ambiental do cotidiano das mulheres quilombolas catadoras de ostras.

A história e a cultura são fortemente marcadas nas linhas e entrelinhas dessa investigação. Partimos do pressuposto do trabalho dessas mulheres negras na pesca, como está a sua inserção e seus déficits no sentido de ocupar um espaço nas políticas públicas de reconhecimento das mulheres catadoras de ostras – uma qualificação profissional de cunho tradicional entre essas mulheres.

Partimos dos encontros no Quilombo de Barrinha- RJ como ponto de partida e paralelo a esses encontros, as análises de base etnoecológica (DIEGUES, 2000) que investiga a relação intrínseca entre a comunidade e o ambiente – numa simbiose entre história, tradição e cultura⁹. A importância do reconhecimento dos fazeres, saberes e poderes dessas mulheres trazem à tona a discussão sobre empoderamento negro feminino e a construção do discurso que reafirma essas questões e reflexões acerca da (re) existência das culturas, que são múltiplas e potentes para a construção da cidadania e de uma

⁹ ARAÚJO, Márcia Moreira de. *Educação ambiental numa simbiose com a tradição e história local na formação de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.



GT 7- Educação, memória e história.

sociedade , e das sociedades igualitárias. Viva da diferença! Viva o múltiplo... a riqueza cultural que essa pesquisa traz nos empodera frente ao conservadorismo imposto nesses últimos tempos no cenário nacional. O autor Haesbaert (2014) nos ensina que :

A exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias a que as relações capitalistas relegaram a maior parte da humanidade faz como que muitos, no lugar de partilharem múltiplos territórios, vaguem em busca de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana.

É a esse processo de vagância em busca de um território que o autor reserva uma concepção mais social de desterritorialização, que pensa a territorialização (material e imaginária) sob condições de exclusão socioespacial, invertendo as interpretações hegemônicas que expressam sempre positivamente os processos contemporâneos de deslocalização e de mobilidade. (HAESBAERT, 2014).

Emergiu ,então, uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna , de acordo com Hall (1998, p. 30). Para esse autor, dois fundamentos constituíram a integralidade desse sujeito, a biologia darwiniana, que procura a razão que fundamenta o desenvolvimento físico do cérebro humano e as novas ciências sociais, que enfatiza o indivíduo soberano, como figura central nos discursos da lei e da economia moderna. A partir desses processos, de forma cartesiana , as discussões ocupavam-se de racionalizações e excluía o processo subjetivo do cerne da questão.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadoras , deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 1998, p. 62)

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador , portanto, tentar usar a etnia dessa forma



GT 7- Educação, memória e história.

“fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. **As nações modernas são, todas, híbridos culturais.** (HALL, 1998, p. 62, grifo nosso).

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque, contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de “raças” quanto entre uma “raça” e outra. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não biológica . Isto é , ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas , a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 1998, p. 62,63)

Além de tecermos considerações sobre o racismo étnico, podemos ainda abordar a intersectorialidade com a questão do gênero, da cultura, das relações com o meio ambiental que permeiam a riqueza conceitual que é latente e potencializa essa pesquisa, principalmente no atual momento que vivenciamos , na relação da ameaça ao estado democrático de direito. A pesquisa traz aspirações por um fazer coletivo, político e social, que possa integrar essa complexa discussão da diáspora africana com o território das águas ocupado por mulheres quilombolas em tessituras e artes de fazer singulares, tradicionais. Esses dados precisam ser evidenciados para potencializar as políticas públicas em favor das mulheres que trabalham na cadeia produtiva da pesca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Márcia Moreira de. **Educação ambiental numa simbiose com a tradição e história local na formação de professores.** Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283p.



GT 7- Educação, memória e história.

CARDOSO, Analice R. **Construção da identidade e território: O Caso da comunidade Quilombola de Barrinha em São Francisco de Itabapoana -RJ. Monografia (Geografia)**, IFF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

CERTEAU, M.A. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. (1968). (1969). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Annablume, 2000.

DIEGUES, A. C.; PEREIRA E.B., *Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação*; In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, Editora UFPR : jul./dez. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p.17.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade** . 2 ed.- Rio de Janeiro: DP&A , 1998.

HELLEBRANDT, L.M. *Mulheres da Z3 : o camarão que “come” as mãos e outras lutas- contribuições para o campo de estudos sobre o gênero e a pesca*. TESE (doutorado). Universidade de Santa Catarina: 2017.

SANTOS, B. S. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**/ Boaventura de Sousa Santos.- 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Reinventar a democracia*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva. 2002

_____. *A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da Experiência*. São Paulo: Cortez. 2000

PASSOS, E. KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009.



GT 7- Educação, memória e história.